

Bases partidárias não vão respeitar alianças de cúpulas

349

Os acordos de cúpula que o PMDB e o PSDB estão forçando com o candidato "progressista" Luiz Inácio Lula da Silva, da Frente Brasil Popular, colocam o carro à frente dos bois. E isso já começa a preocupar as lideranças mais responsáveis dos dois partidos, porque as bases — leia-se militantes e simpatizantes — estão collorindo ou lulando ao sabor dos interesses pessoais ou regionais e atropelando o jogo político que se trava nos corredores dos gabinetes do Congresso, em discretos apartamentos ou vistas mansões, no eixo Brasília, Rio, São Paulo.

Essa preocupação ficou bastante clara, ontem, nas manifestações de parlamentares das duas agremiações. No PMDB, caiu como uma bomba a posição do governador paulista Orestes Quércia, contestando a decisão da Executiva nacional de apoiar explicitamente a candidatura Lula. Quércia disse que "a Executiva não tem autoridade para se posicionar em nome do partido" e defenderá esta tese amanhã, durante a reunião dos governadores peemedebistas, em Brasília.

Dirigentes peemedebistas temem que, influenciados por Quércia, que exerce forte liderança sobre seus companheiros, outros governadores se dispunham a contestar publicamente esse apoio peemedebista a Lula, estabelecido na reunião de segunda-feira, e acabem por convocar uma reunião do diretório nacional a fim de desautorizar as atitudes até agora adotadas pela cúpula.

Esse temor se justifica. Após a derrota de Ulysses Guimarães nas urnas, uma nova "paulada" no instante em que ele tenta recuperar a imagem do partido poderá dizimar, de uma vez por todas, o outrora "maior partido do ocidente". Os moderados, seguindo o exemplo de Quércia, já contestam esse apoio a Lula, definido pela Executiva. Essa discordância foi tornada pública pelo ministro da Educação, Carlos Sant'Anna, e pelo do Desenvolvimento da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves.

Ambos estão apoiando Fernando Collor de Mello (e o presidente José Sarney já liberou os demais auxiliares para fazerem o mesmo). Em consequência, não admitem que o PMDB assuma uma posição mais à esquerda. Sant'Anna foi claro e objetivo: "Talvez seja a hora do PMDB admitir que já cumpriu a sua missão histórica". Com isso, quis dizer que está na hora de o partido "rachar" definitivamente, seguindo cada qual o seu rumo. Quanto à atitude de Orestes Quércia, a turma do poire, que acompanha Ulysses Guimarães, está considerando o governador paulista "um Judas em duplicata". É que Quércia já havia mandado os grupos próximos a ele apoiarem a candidatura de Leonel Brizola, no primeiro turno, traindo o ainda candidato Ulysses Guimarães. Tudo porque as bases peemedebistas, vendo que seu representante não decolava, correram para o ninho dos tucanos, nos últimos dias que antecederam à eleição, apoiando o candidato Mário Covas.

Tucanos colloridos

A exemplo do que ocorre no PMDB, também no partido dos tucanos, as bases,



Quércia, contestando a executiva.

ou ponderável parcela da militância e simpatizantes, estão collorindo ou lulando, num visível atropelamento da cúpula partidária. Essa postura, acredita o deputado Aécio Neves, poderá se refletir mais nitidamente na reunião prevista para sábado, do diretório nacional com os presidentes regionais e as bancadas federais do PSDB. Ontem, antes da reunião da executiva nacional, vários de seus integrantes confirmavam essa tendência das bases tucanas, considerando-a uma questão difícil de ser sanada apenas com um posicionamento da cúpula partidária.

Na verdade, a tendência das bases tucanas tem muito a ver com os problemas regionais que o PSDB viverá no ano que vem, com a eleição dos governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Por enquanto, o partido fica na rejeição da candidatura Collor e discute duas outras opções: o engajamento na campanha de Lula, sem comprometimento com o futuro governo, ou ressaltar as diferenças programáticas com o PT e a Frente Brasil Popular e não comprometer o partido durante o segundo turno da campanha presidencial.

Essa "autonomia crítica", como a chama o senador Fernando Henrique Cardoso, poderá ser a salvação dos tucanos, a níveis regional e municipal, apesar das críticas que fatalmente vão gerar nos círculos políticos. Aliás, ontem mesmo, os tucanos mais à esquerda acusavam os defensores dessa tese de "muristas" (os que querem ficar em cima do muro).

Enquanto isso, do Rio Grande do Sul chegava a notícia, ontem, nos arraiais tucanos, peemedebistas e pedetistas, que eleitores de Brizola, Covas e Ulysses no primeiro turno, se recusam a votar em Lula, por suas posições radicais. E estão desencadeando uma campanha pelo voto nulo no segundo turno. Ou então, rapidamente, estão collorindo.

Esse fato justifica a análise fria do deputado Nelson Friedrich (PSDB-PR): "Antes de conquistar apoios, a Frente Brasil Popular terá que dizer se quer apenas marcar posição, fortalecendo os partidos que a compõem, ou se quer ganhar a eleição". Essa análise foi arrematada por feliz comentário do deputado Aécio Neves: "De repente, a grande vitória do Lula e do PT poderá ser a eleição do Collor. Lula denunciará as manobras do empresário e a força do capital para derrotar o trabalho, ficará bem com seu eleitorado e tudo terminará em pizza".

João Sampaio, enviado especial.

Governadores